

AMANDA OLIVEIRA RODRIGUES

A IMAGEM DO ACASO

BRASÍLIA
2018

AMANDA OLIVEIRA RODRIGUES

A IMAGEM DO ACASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – UnB. Departamento Artes Visuais do Instituto de Artes, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Artes Plásticas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andréa Campos Sá

AMANDA OLIVEIRA RODRIGUES

A IMAGEM DO ACASO

Brasília, ___/___/___

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Andréa Campos de Sá

Orientadora

Prof. Dr. Elder Rocha
Examinador

Prof.^a Dr.^a. Luisa Gunther
Examinadora

Dedico este trabalho aos meus familiares, principalmente à minha mãe e irmãs, e aos amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir a vida, o conhecimento e todos os momentos de minha existência.

À minha orientadora professora Andréa Campos Sá, a Capi, pela atenção, dedicação e pelo incentivo, dando-me segurança para superar meus medos e realizar este trabalho.

À minha família que me inspira a enfrentar as constantes batalhas da vida, em especial, à minha mãe e à irmã Nathália, por nunca medir esforços em me ajudar nos momentos de dificuldades.

Aos meus tios, Joseval, Claudiana e Helena pelo incentivo e apoio.

À amiga Renata, pelo incentivo e orientações importantes.

E por fim, a todos aqueles que direta ou indiretamente participaram da elaboração desse trabalho.

*A Abstração é um galho que saiu do tronco da Figuração;
não lhe é superior ou estágio de evolução:
lhe presta tributo e lhe paga dividendos.
Tal qual a luta da reclusa com o sonho,
O encontro do mínimo com a ensanchar,
O obscuro da paixão versus o abuso da razão,
A geométrica cabeça contra o romantismo imaginário,
"A razão é um afluente de grande rio, quase mar, da
imaginação.*

Nelson Maravalhas

RESUMO

Neste trabalho faço uma retrospectiva da minha experiência com a tinta e o papel, enfatizando o caminho percorrido durante o curso de graduação em Artes Plásticas da Universidade de Brasília. Abordarei o acaso na minha poética e os estágios dessa viagem, até chegar ao mundo invisível da abstração, lugar onde me encontro hoje. Neste caminho, percebi que as figuras que costumava criar estavam se esvaindo, se desmanchando na solução líquida que coloria o papel. Este trabalho também me abriu caminhos para pesquisar outros suportes para minhas aquarelas, ocasionando experiências diferentes com a técnica.

Palavras-chave: imagem abstrata, acaso, aquarela, experiência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O PERCURSO	10
3. POÉTICA DO ACASO	12
3.1- O Acaso na Arte	14
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, faço um relato do meu percurso poético durante o curso de graduação em Artes Plásticas da Universidade de Brasília. Esclareço, aqui, em breves palavras, a minha motivação e o meu processo de criação, desde os desenhos de infância feitos com lápis de cor até os trabalhos em aquarela desenvolvidos ao longo do curso de Artes Plásticas.

Na abordagem desta minha caminhada, mencionarei os artistas com quem me identifico, àqueles que utilizam manchas e se deixam levar pela aventura do acaso nas suas produções artísticas.

2. O PERCURSO

É prazeroso recordar a época em que eu frequentava a “sala de recurso” para alunos com habilidades para as atividades artísticas. Vejo, agora, que nos meus desenhos de infância já havia uma tendência para a criação de imagens abstratas. Para mim, desenhar não era representar o mundo real, mas a representar os acontecimentos impossíveis, como a imagem de um foguete que chega ao sol e se desintegra pelo calor, ou o desenho de animais que habitavam um deserto.

Aqueles desenhos feitos com lápis de cor que formavam um emaranhado de figuras, mais tarde passaram a ser feitos com aquarela, e os “acontecimentos impossíveis” se transformaram em olhos, peixes e frutas, feitos sem planejamento, que ocupavam todo o espaço do papel. (fig.1).



Fig.1 Amanda Rodrigues. Animais marinhos – aquarela sobre papel, 2013.

Nos primeiros semestres do curso de Artes Plásticas, meus desenhos começaram a se modificar. Foi quando compreendi que as imagens figurativas não atendiam mais aos meus anseios e que eu precisava criar outro tipo de imagem e experimentar mais as possibilidades técnicas da aquarela, como a transparência, as manchas feitas a partir dos gestos rápidos e dos *insights*.

Com a prática, percebi a possibilidade de trabalhar a sobreposição de pinceladas, de dosar a saturação do pigmento e de explorar o branco do próprio papel na paleta de cores.

Quando cursei a disciplina de Ateliê I, deixei-me levar pelas formas abstratas, pelas imagens que vinham a minha mente, período em que ampliei meus horizontes, experimentando outros materiais e técnicas nos meus trabalhos, por exemplo, a mistura de aquarela com a tinta acrílica e o uso de diferentes papéis (fig.2 e 3)



Fig. 2
Amanda Rodrigues. Experimentos – aquarela sobre papel, 2015.



Fig. 3

Nesse período, produzi muitos trabalhos, combinando as cores de modo mais espontâneo, sempre observando a maneira que a água espalhava sobre o papel, a saturação da cor da composição, deixando sempre o inusitado aflorar no trabalho.

Todavia, foi somente na disciplina Ateliê II que tive consciência da importância de fazer um estudo sobre as imagens mentais, pois eram elas que me interessava explorar, eram essas imagens que eu via quando fechava os olhos: manchas e

cores cintilantes que se transformam e se movimentam recriando outras manchas (fig.4)

No texto “O ato criador, segundo o especialista”, o artista Nelson Maravalhas, menciona as imagens hipnagógicas, quando descreve as visões que certas pessoas tem quando estão adormecidos, vivendo entre o sono e a vigília. Imagens que são vistas pelo “olho da mente”. No seu relato, ele descreve um tipo de imagens que se assemelham as ondas quando se joga uma pedra na água, uma sequência de círculos convergentes, muito semelhantes às imagens que vejo e busco representar a partir da natureza da aquarela, ou seja, a partir do trabalho da água, das pinceladas feitas de modo livre, ao acaso, apenas manipulando água e o pigmento sobre o espaço do papel.



Fig.4 - Amanda Rodrigues. Manchas 3 – aquarela sobre papel, 2017.

3. POÉTICA DO ACASO

Considerando o acaso um elemento importante no meu trabalho, procurei o sentido da palavra. De acordo com a definição do termo, *acaso* pode significar sorte, azar, coincidência, acidente, contingência, indeterminação, destino, causa fortuita e aleatoriedade.

Mas para o pesquisador Ronaldo Entler (2000), na sua tese de doutorado intitulada *Poética do Acaso*, o termo vem cercado de muitos questionamentos, é complexo e muito discutido em várias áreas do conhecimento.

É bastante nítido como o acaso assume com frequência o centro de debates entre filósofos, matemáticos, físicos, biólogos. Mas, mesmo no interior de cada uma dessas disciplinas, estamos longe de poder observar um consenso sobre o significado do termo. (ENTLER, 2000, p.19).

Entler tentou encontrar uma definição capaz de abarcar as várias definições do termo. Isso porque o acaso geralmente é empregado quando não se sabe ao certo as causas de um fenômeno, quando não temos explicação sobre a origem de um acontecimento.

O próprio autor, para definir melhor o termo, faz uma análise epistemológica abordando três vertentes para o conceito: a) *acaso como desconhecimento das causas*, b) *acaso como cruzamentos de série causais independentes* e, c) *acaso como ausência de causas*.

Acaso como desconhecimento das causas é o princípio básico dentro do mundo científico que considera que para todo efeito existe uma causa. Normalmente quando os cientistas estudam um fenômeno, seja qual for, e durante a pesquisa acontece algo imprevisível, sem identificação, então o acaso seria esse fato que ocorreu sem explicação. Mas segundo o autor, “o acaso é apenas um nome dado a nossa ignorância” (ENTLER, apud: Émile Borel, 2000).

A ação de jogar uma moeda para o alto e o jogo que sorteia números pelo computador são exemplos do acaso como causa desconhecida. No primeiro

exemplo não sabemos de que lado cairá à moeda porque não somos capazes de prever o conjunto de forças que vão agir sobre ela, mesmo assim sabemos que existe uma causa que atua no fenômeno que vai definir a posição da moeda. Já no jogo do computador o que ele considera acaso é o cálculo complexo que o computador executa produzindo resultados variados e que não somos capazes de acompanhar.

O *Acaso como cruzamento de séries causais independentes* são sucessões de causas e efeitos, em que um fenômeno acontece e vai gerando outros e mais outros e assim sucessivamente. Mas segundo Entler, só pode ser considerado esse tipo de acaso quando duas séries independentes se cruzam no mesmo espaço tempo por um elo que os liga, como descreve o matemático Cournot (ENTLER, apud: COURNOT, 2000):

Uma telha cai do topo de uma casa, passando eu pela rua ou não; não há qualquer conexão, qualquer solidariedade, qualquer dependência entre as causas que levam à queda da telha e aquelas que me fazem sair de minha casa, para levar uma carta ao correio. Mas a telha cai sobre minha cabeça, e eis este velho matemático fora de atividade: é um encontro fortuito, que ocorre por acaso. (ENTLER, 2000, p.21).

O *Acaso como ausência de causa* define-se como um fenômeno sem causa, quando existe uma ação, mas não se sabe o porquê do acontecimento e nem das leis que regem a ação, algo incompreensível, sem causa aparente. Entler menciona o *Acaso como ausência de causa*, os pensamentos do poeta e filósofo romano Lucrécio (sec. I a. C.), que relata o movimento das partículas que acontece a partir de um desvio inesperado de algumas delas, fazendo colidir uma com as outras. Movimento inesperado que não possui uma motivação externa, mas sua causa apenas é explicada a partir deste movimento que acontece por si só, por puro acaso. E segundo Lucrécio foi este movimento inesperado que originou todo o nosso universo.

As três abordagens do acaso me fez pensar no meu processo, nas manchas imprevisíveis que surgem da confluência do gesto do pincel, do movimento da água,

da diluição do pigmento. Acontecimentos que se cruzam no espaço tempo da superfície do papel, que irão desencadear outros fenômenos, outras manchas. Em outras palavras, pensei no acaso como elemento central do desenvolvimento da minha construção imagética.

3.1. O Acaso na Arte

Segundo Umberto Eco, o acaso só foi epistemologicamente incorporado à arte a partir do momento em que a ciência considerou o conceito de indeterminação, levando a “verdade científica” para o “campo de probabilidades”. Nesse sentido, o acaso na obra de arte participa como “possibilidade”, um elemento próprio na dinâmica da produção da artística. (Entler, apud: Umberto Eco, 2000 p. 45).

Nesse sentido, o ato de criar, o fazer artístico é que produz o fato inusitado – o acaso. Para Eco, o artista é capaz de atingir o acaso por meio da espontaneidade.

O autor menciona também a ideia de flexibilidade no processo de criação, que seria a incorporação dos “acidentes” ocorridos ao acaso, por exemplo, “uma gota de tinta que escorre na tela, um ruído na gravação de uma música, alguém que passa diante da câmera no momento da foto” (ENTLER, apud: Eco, 2000, p. 49), acontecimentos inesperados que se integram a obra, sem que possamos mais imaginá-la sem eles.

Considerando o que Eco conceitua como espontaneidade e flexibilidade na produção da obra, percebi o quanto a especificidade da aquarela é importante para a minha produção poética e o quanto o acaso me leva a refletir sobre as imagens que crio. Aproveito as formas e cores que surgem pelo espalhar da água e da tinta sobre o papel. Começo a brincar com o pincel sem saber exatamente a imagem que se formará. É sempre uma surpresa ver as formas sendo criadas naturalmente, sem qualquer esboço, sem preocupação com o planejamento.

Mas é curioso que muitas vezes sinto a necessidade de retomar as aquarelas já prontas e continuá-las. Pois sei que não as acabei, que elas necessitam de mais

atenção, mais camadas de tinta para serem tidas como prontas. Considero esse momento, o segundo estágio do trabalho. Nele procuro reelaborar de modo mais preciso a imagem surgida ao acaso.

Encontrei nas aquarelas da artista sul-africana Marlene Dumas, uma referência da incorporação do acaso na imagem. Embora seu trabalho seja de natureza figurativa, podemos ver tanto o controle técnico da artista quanto a capacidade dela de interferir na imagem, de agir sobre a imagem surgem dos acontecimentos inusitados do material sobre o papel. Percebemos enfim perceber como a artista transforma manchas de água e pigmento em corpos e rostos expressivos, como a artista age sobre as manchas que surgem no suporte, como enfim, a artista trabalha o que Eco nomeia de flexibilidade do artista.



Fig. 5
Marlene Dumas, Models. 1994, inkwash, watercolor and chalk on paper



Fig.6

No livro *Acasos e Criações Artísticas*, Fayga Ostrower também aborda o acaso no fazer do artista. Para ela, o acaso é o encontro do eu do sujeito com o que está fora dele. Essa abordagem nos leva ao entendimento da prática artística, da inspiração, da intuição e do *insight*.

Durante minhas pesquisas sobre o *insight* pude observar que o termo está sempre relacionado ao acaso, mas a definição da pesquisadora Regina Lara Mello (2011) no seu artigo *Acasos, serendipidades e insights nos processos criativos de*

artistas visuais, a palavra *insight* que em o português significa visão interna, introspecção, encontro entre visão e intuição, quando o sujeito tem uma visão particular da realidade juntamente com um sentido. É comumente exemplificada quando o indivíduo tem um problema para resolver e o resolve quando ele já não está pensando nele, quando de repente a solução surge como uma visão interna da mente.

Para essa autora, o *insight* também foi caminho para outros artistas que buscavam o inusitado, dentre eles o espanhol Pablo Picasso que dizia: “as ideias são apenas o ponto de partida” e “para saber o que se quer desenhar é preciso começar fazendo”. Ele iniciava um desenho fazendo traços aleatórios e só depois definia a forma que iria representar.

Outro artista que aborda o acaso nos seus trabalhos é o francês Jean Dubuffet (Lichtensteian apud: Dubuffet, 2006) que relata seu interesse pelos acidentes e acasos que aconteçam nas suas pinturas. Segundo Dubuffet, muitos artistas ignoram a presença do acaso em suas obras porque buscam representar um modelo. Ele faz “um convite irônico” para que os artistas abandonem os “métodos de execução”, sugerindo que o artista vejam nas próprias manchas o que devem representar. “E você, pintor, atenção às manchas e traços, olhe suas paletas, seus trapos: a chave que tanto procura está aí.” (DUBUFFET, apud: LICHTENSTEIN, 2006, p.84).



Fig. 7 Jean Dubuffet Affluence, 1961



Fig. 8 Jean Dubuffet Metamorphoses of landscape -

O meu trabalho também me levou a pesquisar os artistas abstratos. Meyer Schapiro, no livro *A dimensão humana da pintura abstrata* (2001), aborda a questão da representação subjetivas do artista, da visão de mundo representado pela imagem abstrata. Porém, o autor entende que mesmo na representação interior do artista a realidade está presente, pois há sempre uma relação entre o que o artista vive e o que ele produz.

Kandinsky aborda o abstracionismo como uma maneira de representar o estado da alma, o espiritual que diz respeito à ordem de um mundo invisível. Voltar-se para o mundo objetivo seria esquecer o sentido da arte, esquecer que existe um mundo que os nossos olhos não podem enxergar.

Segundo o crítico Tadeu Cocchiarale e a artista Anna Bella Geiger (1988) as mudanças ocorridas na arte a partir do abstracionismo levaram à questão do significado puro da pintura, de torná-la livre das representações comuns da realidade. Nesse sentido, as expressões subjetivas do artista representaram uma grande mudança na estética da arte, já que era no processo de internalização da realidade que residia o verdadeiro sentido da arte.



Fig.9 - Amanda Rodrigues - Manchas 1 - aquarela, 2017



Fig.10 - Amanda Rodrigues Manchas 2 – aquarela, 2017.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante minha formação acadêmica no Departamento de Artes visuais, tive a oportunidade de refletir sobre o meu fazer artísticos, sobre as imagens que gosto de criar, de ver surgir no papel. Antes de entrar na universidade, não tinha interesse em estudar sobre o trabalho. Sempre associei o fazer artístico ao prazer, a um ato espontâneo que eu fazia naturalmente, sem uma intenção definida. Quando me vi obrigada a refletir, a explicar o porquê das imagens, achei difícil, por isso sempre evitei falar sobre o trabalho. Então, no meu percurso, li sobre arte os períodos da história da arte e conheci muitos artistas contemporâneos e percebi como o fazer artístico me mostrou o caminho que quero seguir.

Este trabalho me abriu o caminho que me possibilitou pesquisar novos suportes, ocasionando experiências diferentes com a linguagem da aquarela. Percebi que a técnica pode ser inventada, adaptada a minha forma de pintar e de pensar. Na busca por materiais que possibilitassem novas experiências, deparei-me com o filtro de café. A textura do papel, sua coloração e a forma que o suporte absorve a água me motivou a continuar a experimentação dos materiais do meu trabalho.

Ao artista que trabalha guiado pela sua intuição, recomendo que preste atenção nos acidentes, nos acontecimentos inesperados que ocorrem no trabalho, que fiquem atentos a natureza do material, eles podem te mostrar novos caminhos, pois as mudanças fazem parte do processo de autoconhecimento.

Finalizo uma etapa importante da minha caminhada, mas sei que estou no começo de um longo caminho a percorre. O caminho onde encontrarei muitas possibilidades de expressão com minhas aquarelas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTCKOCK, Gregory. **A nova arte**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

COCCHIARALE, Fernando; GELGER, Anna Bella. **Abstracionismo geométrico e informal: A vanguarda brasileira nos anos cinquenta**. Rio de Janeiro: Funart, 1987.

ENTLER, Ronaldo. **Poéticas do acaso: Acidentes e encontros na criação artística**. 2000. Tese de Doutorado.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: Lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte: E na pintura em particular**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KLEE, Paul. **Sobre a arte moderna: e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A pintura: vol. 13**. São Paulo: 34, 2014.

MARAVALHAS J, Nelson. **Experimental**. Brasília: Programa de Pós Graduação Unb, 2011.

MARAVALHAS J, Nelson. **O ato criador - segundo especialistas da indefinição**. Local: Brasília-DF, p. 149, 2012.

LARA, Regina. **Acasos, serendipidades e insights nos processos criativos de artistas visuais**. Revista Triades, v. 1, n. 2, 2012.

PULS, Maurício. **O significado da pintura abstrata**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

SCHAPIRO, Meyer. **A dimensão humana na pintura abstrata**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.